

A PROPOSITO DE UMA CRITICA

COMENTARIO

A India antiga e moderna

A vontade de crear e a falência dos critérios absolutos



LEMOS com desagrado a prosa soez do redactor crítico da página literária de *A Ilustração*, sr. Alvaro Maia. Há nelas tantas inexactidões que não sabemos se as devemos atribuir ao espirito do critico fantasioso ou ao propósito pouco sério de incomodar sem motivo os indianos, em lugar da apreciação crítica da Conferência do sr. Fernando da Costa. Assim, escreve êle que «os indianos deram ultimamente em pedir a independência com perrice...», quando a verdade sociológica dos mais elementares nos ensina que a independência se conquista tanto pelo direito da força como pela força de direito; diz ainda que não há neles (indianos) pureza da raça, porque a bem dizer, quasi todos descendem dos primitivos habitantes e dos ousados navegadores e soldados que para lá foram nas eras de Quinhentos e Seiscentos... e mais adiante: «... o que não parece certo é que a mocidade da nossa India, — que a nós deve o ter a categoria de gente! vá enfileirar ao lado dos que nas Indias Inglesas pedem em altos gritos a independência...»

Quanto à pureza da raça, o sr. Maia leu naturalmente esta opinião de Vicent Smith: Seu fim (de Albuquerque) foi de formar uma população que fôsse leal a Portugal e residisse na India... criando assim uma vasta classe de portugueses de meia casta... uma raça degenerada, absolutamente destituida de qualidades». Essa classe existe de facto e é formada de mestiços que pela pena de um dos seus representantes escrevia há pouco, atacando-nos: que o sentimento da pátria portuguesa só lhes podia ser arrancado com o coração ou com a pele.

Nós, depois de lhe respondermos que o sentimento da pátria residia no nosso coração e inteligência, continuavamos: Temos pelos portugueses verdadeiros, amizade, consideração e respeito. Alguns deles audazmente afirmaram quanto a nossa Causa era legítima e justa. E o próprio sr. Alvaro Maia ainda não há muito, tinha prometido manifestar-se nesse sentido!

Se é certo (segundo Maia) que devemos aos portugueses a categoria de gente, não é menos certo que os portugueses deveram à India a categoria de gente rica perante a Roma que era o mesmo que dizer perante a Europa.

Sobre o nacionalismo hindú, a ignorância do sr. Maia é irritante e lamentável. A génese e a evolução dêsse movimento formidável de ideas de que Gandhi é apóstolo máximo, indica claramente que êle é, apenas, um passo decisivo, para um internacionalismo fecundo. Fazendo Gôa parte integrante da península hindustânica e tendo os seus interesses vitais dela dependentes, de maneira alguma, podiamos isolar dessas ideas que, sobre não serem subversivas, são humanitárias e dignas de todo o acolhimento. E' porisso que não desejamos a nossa independência isolada.

Agora, é possível que sejamos objecto de perseguição da banda dos subditos de Jorge V, quando uma vez proclamada a independência, os subditos portugueses, dizendo-se irmãos dos da India Inglesa queiram manter-se fieis a Portugal, sem lhes prestar ao menos aquela solidariedade tão inata nos povos dominados.

O sr. Maia, talvez, perante a opinião pública, teria vibrado um golpe de morte sobre a mocidade indiana, se ella não tivesse a seu lado, um dos mais simpáticos príncipes da intellectualidade latina — Romain Rolland — que ama e venera não aquela India, opulenta de ouro e preciosidades, presa dos seus compatriotas de Quinhentos, mas a India coberta de

farrapos de miséria e manchas de sangue, que até nas maiores contorsões de agonia se não esquece de prodigalizar ao mundo o evangelho de Luz e Amor.

Romain Rolland escreveu a um colega e compatriota nosso, estudante em Coimbra:

«Vous avez toute ma sympathie pour la mission que vous avez assumée, vous et vos camarades indiens, d'éclairer votre peuple privé de l'esplendide lumière de vos frères de race, heroiques, de Tagore, de Gandhi, de Aurobindo Ghose, de Jagadis Chunder Bose, cette pleiade de génies dont s'enorgueillit non seulement une rase mais toute l'humanité.

«Mes Jeunes amis Indiens de l'Université de Coimbra, je vous serre la main à tous. Soyez fiers de votre glorieux pays! J'aime l'Inde et je la vénère!»

A tanto nos obrigou o ilusionismo do sr. Maia.

A conferência do sr. F. da Costa, quer doutrinarmente, quer na interpretação de factos, em mais de um lugar é criticável. O sr. A. Maia daria um belo exemplo de lealdade intelectual, se em vez de rascunhar aquelas *perrices*, dissesse sem tibezas, sobre a conferência do sr. Costa, como aquele sábio de que Anatole fala no *Jardin d'Epicure*: que ce n'était point sa vitrine.

ANTÓNIO FURTADO

Lisboa, 14-10-926.

Como o operário deveria aproveitar o seu tempo



O operário, como aliás quasi toda a gente, leva uma vida imetódica, não sabendo aproveitar o seu tempo, malbaratando-o em banalidades inúteis quando não prejudiciais.

Na verdade, o operário poderia aproveitar melhor o seu tempo, enriquecendo o seu espirito e re-quietando a sua sensibilidade.

Após a largada do trabalho, em vez de gastar algumas horas bebendo copos de vinho e sustentando conversas onde não há espirito nem elevação, deveria o operário dirigir-se a sua casa, a-fim-de tomar um banho reconfortante e jantar em seguida.

Depois do jantar, que deveria constar de géneros sãois inteligentemente escolhidos, que bem aproveitassem ao organismo, em harmonia com os mais modernos preceitos de hygiene, não andaria mal o trabalhador em dar um curto passeio que lhe facilitasse a digestão e lhe proporcionasse uma profunda lavagem dos pulmões com a ar puro e corrente.

Em seguida, no salutar intuito de enriquecer o espirito e apurar a sensibilidade, poderia ir ao teatro, ao seu sindicato, a uma biblioteca, a um cinema, frequentar uma escola nocturna da sua especialidade profissional ou um curso onde adquirisse noções gerais sobre a vida.

Feito isto, entregar-se a um sono reparador, em leito limpo, num quarto arejado, alegre e amplo, para no dia seguinte de manhã, após



vida é muito complexa em todas as suas manifestações. Não se sabe precisamente qual dos factores que determinam os actos dos individuos tem maior força para efectuar tais actos. Todos se completam num e noutro sentido.

Contudo, um acidente qualquer pode circunstancialmente levar um factor convergente a determinar uma ou outra manifestação de individuo ou grupo, na ordem da sua vida de relação, ao mesmo tempo que um acontecimento inesperado pode determinar certa classe de atitudes em individuos que nelas nunca haviam pensado, por não possuírem a noção do seu papel na vida e, ainda menos, a noção do seu próprio valor.

Antes da guerra, o proletariado aparentava deter em suas mãos os destinos históricos. Veiu a contenda sangrenta e ficou a descoberto a sua alma burguesa e conservadora. Havia lutado ao impulso das necessidades e não das convicções contra a sociedade opressora.

Procurava viver mais feliz, trabalhando para o parasitismo social, sem haver pensado em viver sem a obrigação de alimentar parasitas. Queria mais equidade, não aquela completa justiça que se torna a aspiração revolucionária mais sincera, surgida de uma filosofia e nunca inspirada por famintos ou passionais.

E chamado a consolidar a existência da sociedade capitalista, ameaçada por excesso de riquezas e carência de mercados consumidores, acorreu, feliz, contente, como os que se encaminham para o sacrifício glorioso em nome de um dever sagrado e, por isso, intangível. Imolou-se, com uma resignação de escravo, aos ditados do patrão.

As adulações interessadas dos que o aproveitaram, como instrumento das suas ambições, tornaram-no orgulhoso; e, ao regressar dos campos de batalha, pareceu dispor-se a uma nova guerra, a única guerra lógica e admissível — a guerra dos explorados aos exploradores, dos despojados do direito à vida e à liberdade aos seus despojadores.

Isso não aconteceu. Bem depressa se aperceberam as hostes, sempre dominadas, da temeridade da sua rebelde atitude contra os dominadores. E arrependidas do seu gesto, inclinaram a cerviz para que as jungissem novamente à escravidão.

A burguesia amargurára-se com a irreverência e pensava na desforra. Desencadeou-a cruelmente mal o proletariado abdicava da sua atitude subversiva. A Rússia, a Italia e a Espanha são o mais vívido e o mais barbaresco exemplo.

Eis como o factor necessidade operou efeitos muito opostos aos que atribui a filosofia marxista. Esta filosofia, naturalmente, aguçou-se depois da horrenda hecatombe em que os governos do velho continente lançaram

(Conclui na 6.ª página)

algumas práticas higiénicas, como limpeza do corpo, um pouco de ginástica e um pequeno almoço leve mas substancial, dar entrada na sua oficina.

Eis, em linhas gerais, como o operário deveria empregar o seu tempo. E porque não o emprega dêste modo, salvo raras e felizes excepções?

Um pouco por sua culpa, e muito por culpa da sociedade capitalista, que exige do operário um esforço superior à sua capacidade, durante um número excessivo de horas; porque as habitações são pocilgas caras; porque não há escolas apropriadas; porque as tabernas abrem suas fauces devoradoras por todas as esquinas; porque o teatro é, em via de regra, desmoralizador, seguindo-lhe o cinema as mesmas pisadas.

Em todo o caso, o operariado, se quiser, pelo seu esforço, pode em muito atenuar as deficiências da sociedade burguesa — enquanto num esforço inteligente e irresistível não tornar êle próprio conta dos seus destinos.